# Quando o sol é tão forte como um mel: experimentações de existir - escrever, pensar, comunicar - com crianças

Alice Copetti Dalmaso[1]

**RESUMO**: Estes escritos se engajam em processos de pesquisar que simpatizam e adentram a força de pensar e escrever afetados pelas crianças – explorando e ativando modos de dar a ver (e dizer) sobre os mundos que nascem ao observar e acompanhar uma criança e seus devires (e um devir-criança em nós). Trata-se de operar com composições de escrita que perambulam por instâncias de um comunicar/divagar-criança, embaladas por perspectivas antropológicas, filosóficas, artísticas e educacionais que encontram aberturas de criação de mundos e possibilidades de existências múltiplos e diversos. Sob a companhia das crianças e suas relações com as coisas - que se tornam vivas e dignas de atenção - aprende-se a habitar o sol, areia, tinta, pedras, água, traços, percursos, gestos, corpos, espaços, superfícies: testemunhar uma etologia da potência do estado sempre nascente, da força ativa de engajamento no mundo, corpos que mergulham no cosmos, engendrando um novo devir, afirmado em sua própria diferença, estranheza, mistério e leveza. Encontra-se a graça de um cenário de vínculos infinitos, de conexões entre seres humanos e não-humanos, variações corporais de sentir, de arquitetar novos desejos de presente e futuro, os quais nos ponham a fabricar (e aceitar) impensáveis dimensões do viver. Apostar nisso e seguir.
**PALAVRAS-CHAVE**: Criança. Modos de existência. Experimentação.

# When the sun is as strong as honey: experimentations of existing – writing, thinking, communicating – together with children.

**ABSTRACT:** This writing engages into research processes which sympathize with and enter the power of thinking and writing affected by the children – exploring and activating ways of revealing (and talking about) the worlds that are born while observing and following a child and its becoming (and a child-becoming within us). This is about operating with writing compositions that wander along instances of a child-communication/roaming, propelled by anthropological, philosophical, artistic and educational perspectives which find openings for creating multiple and diverse worlds and possibilities for existence. With the company of children and their relationship with things – which become alive and noteworthy – one learns to inhabit the sun, sand, paint, rocks, water, traces, paths, gestures, bodies, spaces, surfaces: witnessing an ethology of the potency of the always rising state, the active force of engaging in the world, bodies that dive into the cosmos, engendering a new becoming, affirmed in its own difference, oddness, mystery and lightness. One finds graciousness in the scenery of endless links, connections between human and non-human beings, corporeal variations of feeling, architecting new desires of present and future, which make us create (and accept) unthinkable dimensions of living. Betting on and following it.
**KEYWORDS**: Child. Ways of existence. Experimentation

## DAS ENTIDADES INTENSIVAS

Conviver, descrever, acompanhar, decifrar um elemento vivo, complexo, variante, pulsional, misterioso, incognoscível: aprender por seus meios, para sermos melhor "aconselhados pelo

mundo e capazes de responder ao que nos está dizendo (INGOLD, 2015, p. 12). Meu elemento de observação é vibrátil, inquieto, pulsante, espaçoso, sem propriedade única e definível. Põe vida na vida, traz coisas à vida: uma criança, muitas crianças.

A necessidade de encontrar crianças se transmutou para o acolhimento dos acasos de seus intempestivos convites. Essa atenção ao elemento-criança iniciou há alguns poucos anos, talvez uns quatro. O eco se fez da insuficiência de, enquanto formadora de futuras/os professoras/es de ciências e biologia, não possuir uma resposta diante da questão usual lançada àqueles/as que trabalham com ensino na universidade: "Como ensinar ciências para crianças?" O que conhecemos por ensinar, enquanto ação pedagógica e voluntária que pede luz a um "como" - e que poucos/as sabem de fato responder - não me atraía tanto, naquele tempo. Mas o mundo relativo ao que chamamos de ciências – os fenômenos, os materiais, transformações, processos químicos, físicos e biológicos de coisas e meios, elementos, corpos, seres - e sobretudo as crianças – com seu específico modo de existir - seguiam me chamando e solicitando composições.

Percebi que eram nos encontros entre as ciências e as crianças que talvez poderia aprender, afinal, o que elas tinham a ensinar: ambas instâncias tinham algo a inspirar, desafiar, dizer, comunicar, a todo momento. Sigo analfabeta nessa leitura, porém curiosa, não em interpretar a natureza que envolve o mundo das ciências e das crianças, mas em conectá-las, ou melhor, de escrever sobre as conexões e contaminações que estes mundos podem fazer um com o outro, provocando elos e ressonâncias - a partir do que, aqui, tratei como composições entre escrita e leitura, fabricadas com o que observei e 'ouvi' de seus comunicados. Estou no processo, e neste texto me propus a compartilhar alguns dos processos atencionais disparados em mim, desses universos ambiguamente díspares e próximos.

Tim Ingold, um antropólogo ecológico-experimental (entre outras nomeações que não o definem, mas singularizam a riqueza de um modo particular de perceber uma antropologia que ganha vida em suas construções e narrativas), encabeça certa metodologia que consiste em dar consistência a três verbos: mover, conhecer e descrever (INGOLD, 2015). Porém, para o autor, não se tratam de operações separadas que se seguem umas às outras, em série, mas sobretudo facetas de um único processo – aquele da vida mesma, do viver. Para que essas operações ganhem vida na escrita e no pesquisar sobre alguma coisa, entretanto, é necessário um observar, um modo de estar atento que implica "estar vivo para o mundo" (INGOLD, 2015, p.13). Estar vivo para o mundo não é pouca coisa. Pede uma intervenção interessada ao modo como as coisas se movimentam no mundo, que

rastros deixam e compõem conosco. Tenho me permitido abraçar essas passagens de Ingold, caminhando - movendo, conhecendo e descrevendo - *o/no* mundo e, especificamente, *pelos* mundos das crianças com que fui me encontrando. Pequenos mundos das existências-crianças ativadas no percurso de pesquisa e vida: acompanhá-las tem sido aprender a estar viva.

Estar viva/o para o mundo, lendo o que acontece nele. Estar viva/o para o que e como as crianças fazem, dizem, movem, conhecem e descrevem os seus mundos particulares. Um mundo que são feitos de muitos outros mundos, processuais e fabricáveis, os quais se tornam mais vivos, existíveis, pelos corpos e perspectivas delas. Observar devires das crianças e um devir-criança em nós e fora de nós… Segue sendo esse o chamado.

Como encostar (mover, conhecer e descrever) o modo de existência de uma criança a ponto de não representá-la e significá-la? Como atentar ao que podemos aprender com uma (ou mais) crianças, sem romantizar 'uma infância' melhor, tampouco idealizá-la, mas tornando-nos, sobretudo, presentes em existir com ela, em presença desse ser? Arrisco afirmar, por ora: talvez levar a sério toda uma etologia da potência do estado sempre nascente, de uma força de engajamento no mundo, um corpo que mergulha em seu caos, engendrando um novo estado em devir, um corpo afirmado em sua própria diferença, estranheza e mistério.

> No cosmos das coisas, há aberturas, inúmeras aberturas desenhadas pelos virtuais. Raros são aqueles que as percebem e lhes dão importância; mais raros ainda aqueles que exploram essa abertura em uma experimentação criadora (LAPOUJADE, 2017, p. 44).

Por uma teimosia involuntária uma criança é capaz de adentrar, despretensiosamente, nas aberturas desenhadas pelos virtuais, fazendo nascer um mundo que existe a seu modo, sob seu ponto de vista. Contaminada por essa disposição de encontrar aberturas de criação, a intenção de minhas pesquisas[2] se constitui do desejo de habitar os modos virtuais de existência de coisas, elementos, materiais, seres e acontecimentos sob o ponto de vista de uma criança, forçando encontrar as linhas esboçadas em seus gestos, seu corpo, seus mundos próprios expressos, “não apenas para ver por onde ela vê, mas para fazê-la existir mais, aumentar suas dimensões ou fazê-la existir de outra maneira” (LAPOUJADE, 2017, p. 90).

Considero as crianças como “[...] entidades intensivas, que estão no entroncamento de elementos muito heterogêneos [...] ” e que “[...] exigem, para serem apreendidas, uma outra lógica, lógica das intensidades não discursivas” (PELBART, 1993, p. 47). Lógica que se busca lapidar, esses escritos fazem parte de um esforço para que essas entidades-

intensivas-crianças pudessem ser apreendidas, captadas, capturadas em sua multiplicidade e potência, solicitando uma apreensão pática, que é "aquela que apreende, por exemplo, um 'clima' de uma festa, a 'atmosfera' de uma manifestação, ou de um psicótico, ou de uma obra de arte" (PELBART, 1993, p. 47). Um esforço, uma disciplina, uma desorganização constante do corpo e dos códigos que me constituem e me atravessam, para poder encontrá-las.

Então, uma criança ou mais crianças, abertas às perspectivas que suscitam, são tomadas aqui como entes pulsantes, visíveis, existíveis, criadoras, dançarinas na arte de desvelar mundos alegres, dimensões e planos ainda inexplorados do pensar e do sentir, mas que são, "por direito, numerosos" (LAPOUJADE, 2017, p. 47). Tenho aprendido a pesquisar e escrever arregimentando uma atenção capaz de produzir essa apreensão pática, na captura de tons, intensidades, expressões, gestos, afectos, do que foge, por vezes, à compreensão e às significações (PELBART, 1993). Desse modo é que a escrita se engaja, como ação/procedimento que adentra num campo mais consciente ao acontecimento, simpatizando com o ponto de vista da criança e, pelo qual, assim, explora-se, brinca-se, desavergonhadamente se ativa uma composição momentânea de pensamento e escrita.

Por isso, estes escritos se perdem, em alguns momentos, em variações poéticas, composições de linguagens que podem soar "sem sentido" às/aos leitoras/es. Com "composições" quero dizer o que Stengers (2007) afirma sobre escrever como possibilidade de acesso a um portal mágico de processo metamórfico, parte da ação de reivindicar procedimentos, palavras, ideias, gestos que ativem nossa força de cura e cuidado, capaz de experimentar um sem fim de vínculos, impulsionados pela nossa potência comum de enredamento e conexão.

Escrever e compor existências mínimas de devires de uma criança (e de um devir-criança)[3] é talvez abraçar a magia que nos envolve na experiência do escrever e de brincar com o mundo das palavras. São agenciamentos que investem em produzir provocações, chamados, evocações, fazendo pensar, sentir, imaginar: palavras-ações, palavra-incitação, palavra-sentido, palavra-força, palavra-devir. Palavras como práticas de medicação, de manutenção de uma cura que se retroalimenta enquanto se escreve.

Junto às composições de escrita, nas próximas páginas as/os leitoras/es encontrarão também imagens do fotógrafo francês Alain Laboile[4], trazido para impulsionar a instância criadora e não discursiva do trabalho, misturando-se às falas, gestos, sons de João, Mateus, Antônio, e com outras crianças desconhecidas e anônimas, seus gritos que invadem minha janela, seus movimentos, sobressaltos ao acaso, em lugares de festas, ruas, passagens,

bares, piscinas, parques. Crianças de escolas, de vídeos aleatórios, de lembranças, de sonhos lúcidos misturados à imaginações[5]. O verossímil que já não pretende significar o real, posto que o real é ele mesmo um mergulho no inventado, para tudo ser um possível contaminante: as palavras me são concretas, elas constroem crianças e são por elas inventadas. Por isso, desmontam coordenadas, fazem nascer novos universos, novas maneiras de fabricar mundos.

Contaminada por tanto - ao 'por as coisas todas juntas'[6] - deixo o convite, para enquanto acompanham os escritos e pousam na leitura, ouvirem duas composições do músico Yan Tiersen: Tempelhoff: <https://www.youtube.com/watch?v=mTlyklNcn80>, e Pell: <https://www.youtube.com/watch?v=VFVMAPEOZjo&list=RD0BdfH0CAKK4&index=8> (sendo ouvidas em modo repetição, ou deixando que outras músicas e sons, em sequência, cheguem aleatorialmente e atravessem a leitura).

Figura 1: La Famille 2015. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

## Superfície água-rio-chuva-céu

"- Pai, tem rio no céu?", perguntou uma criança, enquanto olhava a chuva cair da janela do ônibus em movimento.

Sim. Florestas de água em vapor formam grandes rios voadores, diria o ativista indígena Ailton Krenak[7]. Esse rio que, quando cai, outro céu surge, mais em baixo de nós, e depois logo acima de novo. E, assim, indefinidamente.

*ÁGUA*. Há todo um corpo que quer pegar um ser-rio-chuva-goteira-água: atenção minimalista.

O elemento cativo dos corpos que extraem partículas com tudo que tocam. Uma criança é um corpo que rio. Com mãos que anseiam tocar aquilo que cai, esvai, e que sempre almeja o grande mar. A gente é água, nossos pés derretem quando a sentem. Podemos testemunhar o sentido de tornar o cotidiano extraordinário, na delicadeza de modos de ser água. Impermanência.

Rir descontroladamente por medo do que pode essa coisa liquefeita.

Encarnar o destemido mundo: a água, mesmo corrente, é sempre um lugar de parada. Parar de agir, para agir com a água. *Paralisaguar*.

João parecia assumir a sua própria coragem de molhar os que estão por perto e que não querem ser molhados. As mãos pequenas que tentam virar e torcer a abertura da torneira. Não ver a água jorrar longe: isso nunca é uma opção. Algo parecia irromper nele, nervosamente, quando encontra o gelado da água que sai da torneira e molha seus pés. Ou encontrar os grandes pingos que caem do ar condicionado e perceber o quão gelado era. Molhar a cabeça e deixar os pingos caírem, virando o rosto com a expressão de frio, em torno de um riso escondido.

A água que sai da mangueira cava um buraco no chão. Espaço, buraco, e a água que some: é sempre algo inédito de quase inata admiração. Essa coisa que não se pode pegar, chamada água, até fazer buraco ela faz. E mata o calor, e rega as plantas, e agua a cenoura que cresce na horta do vô, porque comer cenoura tirada da terra parece compor toda a graça do mistério: será que é grande o tamanho da parte laranja que irá sair da terra?!

Observar o João. Permanecer nas inquietas aberturas instaladas: resta ainda, em nós, a potência de ver o movimento das coisas, de recolher a água e testar esse elemento misterioso de se sentir nos pés, nas boca e mãos? Há, ainda, um jeito de habitar sem

pressa a sensação de como os pés derretem na água, matéria que cede aos nossos gestos, se espalha, corre, faz um mar das plantas, faz espaço, surpreende? Estar na hora líquida do dia e da sensação de existir com a água.

Água que sai do corpo. Água que entra. Escoamentos pelos poros e buracos de que somos feitos. Natureza fluida de todo vivente: ar, água. Uma criança encontra a fluidez de qualquer matéria e acelera rapidamente os olhos, como um peixe veloz, imerso em seu meio. Ela está-no-mar-do-mundo[8]. Coexistindo com os líquidos do corpo e do mundo.

Que delicia chover e ser chuva. Estar nu.

Figura 2: La Famille 2014. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

A rua é ampla.

Ampla o suficiente para ambos os lados suportarem a corrente forte da chuva, que se misturava a um rio possível que transbordava. Era uma cidade que vazava.

A enchente que descia a rua virava palco de corrente de rio. Palco alegre e aguado.

Se fazia um rio em pleno concreto da cidade. Virou um rio-rua, cidade-chuva, esteira de canoa com criança. Lavava. Uma criança é gravada deslizando rua abaixo, descendo o curso d'água que tornou tudo aquilo um cenário alegre. Alguns diriam: infância-raiz. Diríamos: desmesurado jeito de ser feliz nas paixões aguadas, com o que se apresenta a sua frente, por entre choros, medos, sujeira, doença.

Uma pequena canoa, por onde se viam as pernas dobradas e as mãos firmes segurando a madeira, vestindo em face de menino preto, sorrindo molhado, em água marrom de rio-rua, cidade-chuva, naquela esteira-canoagem rua abaixo. Era um carrinho de rolimágua.

Como testemunha, e com medo, gargalhei. Devires, em cascata.

Figura 3: La Famille 2015. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

## Superfície-traço-cor-tinta

> A cor é um espetáculo, uma paisagem, mas uma paisagem que a criança habita e com a qual se mistura. Ela habita a cor que a invade por todos os lados: de onde lhe vem esse poder? (SCHÉRER, 2009, p. 111).

Cobrir-se com cores.

Gostar de observar o poder de uma criança adentrar no visível e no invisível da cor.

Impregnar-se e entregar-se a ela. Na cor, na textura, no material gelado, na dureza, na gosma liquida, na geleia quente com cor.

Na cor e consistência da massa de modelar, misturando-se a outras tantas cores, tornando-se um verde musgo escuro, agora pronto para, amorficamente, tomar novas formas: eu quero uma coroa de rei!, um sapo!, estrela!, agora uma panqueca enrolada!

Sempre um convite a advogar de sua persistente viagem imóvel à estranheza esquecida das coisas (SCHÉRER, 2009).

A cor pede passagem, um deslocamento que anda em nuvens, seguindo o sentido. Uma cor que pede as mãos e que, demoradamente, penduram-se nos dedos, emporcalha-se pelas superfícies todas, podendo ir à boca, ao chão, aos olhos, nos dentes, na parede. Pele.

Não há regras, nem riscos de deslizar para a noção de perigo.

> [...] De fato, o uso sujo das cores é, por sua vez, algo da ordem do deslizamento mimético pelos improvisos do imaginário: lambuzada, imunda, brincando de pintar ou de tatuar o corpo, a criança rejeita, assim, identificar-se com a imagem que se exige dela: ao usar o visível para se tornar invisível, ela escapa à vigilância deles (SCHÉRER, 2009, p. 131).

A tinta, a exploração tátil de uma textura-cor-textura-cor. Um acesso ancestral, animal, vegetal, simbiótico com as coisas do mundo. Mimesis infinita com minerais, microelementos, cheiros, gostos, consistências: abertura, “disponibilidade e maleabilidade, permitindo uma desmesura, uma superabundância de ser que é proibida, definitivamente, pela norma adulta” (SCHÉRER, 2009, p. 162).

Figura 4: Leica M Monochrom. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

Esconder-se, e rir no enquanto. O esconder-se grava um mistério, o incerto fascinante. Não contente, ela precisava aparecer e sumir novamente. Percorria um caminho o qual simulava uma corrida. Um esconder e aparecer – em intervalos de abraços e risos com o quê e quem se encontrar no trajeto: mapa extensivo com mapa intensivo da criança.

Ela que, numa mão, pegava folhas de papel branco e segurava alguns lápis coloridos com a outra. Ia parando, de pouco em pouco. Organizava sua folha já amassada, entregava o lápis para alguém, e riscava mais um pouco. Quando parava, olhava para quem estivesse por perto e sorria largamente. Esperava sempre alguma coisa de quem estava ao seu lado. E sempre tinha algum tipo de atenção: mas o sorriso era o esperado. E o doce.

Descobriu ao longo daquela festa de adultos alcoolizados um canto de potes de doces. No seu trajeto com folhas e lápis ela parava para pegar uma paçoca, e um pirulito, fora as incontáveis vezes que alguém vinha entregando aquele presente surpresa que ela já havia descoberto. O doce.

Olhava para sua mãe como quem desejava aprovação: “estou segura aqui”. E então, guardava no bolso o que cabia. Ativação do corpo por um substância adocicada. Nós riríamos todos juntos e os sons seriam confundidos com as formigas, passaríamos a dizer palavras sem pensar, nos babaríamos como lesmas, viajaríamos em contemplação, olhando

o céu estrelado, enquanto a bala escorria nos cantos da boca e nossos dedos seguiriam melados.

O que pode um doce em nosso corpo? Um atiçar disposto. Perder a formalidade, o controle dos nervos da face. O corpo acena: queremos mais, nossa potência aumenta, queremos mais. Mais doce.

## Superfície-corpo

> O corpo é um tipo de ser vivo que veio da terra, que a terra perdeu o controle e foi...E teve uma hora que ele evoluiu. E é isso.
> Um ser vivo que eu acho que a terra criou e aí depois ele começou a evoluir. Acho que é isso.
> - Então tudo é corpo?
> Acho que nós somos átomos do espaço. De tão pequeno que nós somos perto dele.[9].

Observar.

Puxar a pele de meu pequeno pênis. Parece que se arranca, se solta, se subtrai, se espicha.

Não pode! Não funciona!

Seguir mexendo. Mexendo. Mexendo. Ora espicha a pele. Ora esmaga. Vai explodir!

E brinca mexendo, e esmagando, e senta na banheira e molha, e volta a mexer.

- Tia Alice, olha! E aponta o pênis esmagado, escarafunchado, espichado.

Enquanto é secado, por outro que confia, mexe de novo.

“Não pode! Não pode, João!”

Estar nu. Se tocar. Brincar com o que é seu: o pinto, o pau, o pênis. Algo cheio de nomes que é diferente de outro, aquele do pai, do irmão, e da mãe, que tem outra coisa. E esquece. E corre nu perdendo água pela sala, corre por outros espaços, cama, sala, pátio, terra, cozinha. Rir sem fim de riso. Pelado, como um animal que foge, antes que lhe ponham uma história, que lhe roubem o corpo[10].

Comunicado de um corpo extensivamente sensível: toco, explodo, massageio, e mostro. A prática de toda uma resistência em cima de todas as resistências, afirmativa, do “corpo contra todas as coações, contra todos os preconceitos e códigos” (SCHÉRER, 2009, p. 177).

Linha de força comum, ainda não cortada e interrompida pelas impossibilidades da educação, que vai da criança ao mundo: o corpo da criança posicionado nessa “linha de

universo, levando-o além dos limites prescritos, o torna, no próprio sentido, sublime" (SCHÉRER, 2009, p. 171). Aprender a cuidar e habitar essa linha de criação em potência com o próprio corpo que sente, onde se pode, ainda, a jovem seiva de um corpo-criança, de "[...] de sua disponibilidade sem reservas e de sua desmesura" (SHCÉRER, 2009, p. 177). O corpo da criança, "[...] um intenso foco de signos e irradia-se para múltiplas direções" (SCHÉRER, 2009, p. 154).

O corpo, então:

Uma explosão de corrida, até cansar de respirar.

Correr nu e o cabelo voar.

Quando brincamos de colocar a mão no fogo, e beijar os dedos chamuscados depois.

Corpo é um rio que se pula e se sai, correndo na grama e pulando de volta na água.

É oferecer a chupeta pra outra criança chupar.

Atirar o gato pra cima e ver ele cair de pé.

Quando meu irmão ri do espirro da minha mãe.

Espalhar sementes de feijão no chão da cozinha e pisar em cima.

Riscar de giz antigas madeiras e se vestir de chaminé.

Pular a tarde toda de um tronco de árvore no meio do açude.

Apertar o rabo do cachorro até ele sair correndo.

O corpo é um ruído abafado, silêncio distendido por dias, afasia da fala.

Um corpo que habita grandes tapetes e lonas fingindo ser grandes ondas do mar.

Habitar um rio. Um carro. Um pássaro. Um avião.

Habitar um som agudo de dentro da boca.

Habitar o seio que mama.

Habitar o pedalar das pernas na bicicleta.

Habitar a casa caída na esquina, do fungo vestindo a parede antiga, do cachorro solitário em meio aos restos.

Habitar as mãos que fazem parar o movimento para apreender o toco de giz no chão. Habitar o esmagar de giz. O farelo, a cor, o espalhar o giz na pele.

Habitar o caracol que vai à boca e o mastigar do caracol à boca.

Habitar a quietude de estar confortável em seu próprio corpo.

Fazer superfície com tudo.

'Então… Tudo é corpo?'

Figura 5: Through. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

## Espaço-sol-luz-frestas

- Tia Alice: a luz atravessa o espaço?
- Sim, atravessa.
- Mas como ela atravessa o espaço? Ele tem costas?
- Não tem costas, nem frente, nem lado.
- E a se a gente pudesse sugar o espaço?
- Não tem como sugar o espaço.
- Mas, e se eu pudesse?
[silêncio]
- E se eu colocar o diamante no sol, derrete?
- Mas não tem como chegar até o sol, Antônio.
- Eu sei que não. Mas e se eu pudesse, ele derreteria? Porque eu quero inventar uma máquina que resista à temperatura do sol.

Sugar um espaço. Ou fazer nascer um espaço que suga.

Ser sugado pelo espaço.

Mas, o que pode ser o espaço?

Dimensão que se atravessa e pelo qual se é atravessado?

Dimensão que abre sulcos de luz, intervalo? Uma coisa que dá para se abrir, ocupar, preencher, fazer vazar, brincar? Esconder comida? Se esconder com comida? Jogar o bicho de estimação lá dentro? Abrir um espaço menor num espaço maior, em que se pode conversar, abrigar-se consigo mesma ao cantarolar[11]?

Espaço. Espaço de pular, de sorrir com comida na mão, saltar e babar o suco que perdeu espaço na boca. Tudo toma e tem espaço. Espaço feito de trajetos, desvios, mergulho num fazer nada parado, voltar a andar, querer ver um buraco escondido: espaço. Uma barraca de pano – espaço de fechar os olhos e ficar deitado. Esconder-se ou simplesmente ser, sentindo-se ser. Falo, como, ando na barraca. Barraca-paço, expansão da vida. *Espandaaaaaaaaaaço.* Então vem alguém dizer para sair da barraca-espaço-espandaço, enquanto a barraca é tudo que posso ser e ter de originalmente meu: ESPAÇO!

Espaço: são os bichinhos que moram nos dedos do pé.

O abraço de meu pai.

Subir na escada e pular lá de cima.

Se fechar num saco escuro e fazer cocô ali. Sai!

Quando tiro o rato da boca que meu gato caçou.

Comer a comida do cachorro.

Um balanço.

Espaço é quando minero, igual ao minecraft.

Pegar uma tesoura e escavar a terra pra achar minhoca.

Nadar.

Jogar leite em cima do gato.

Quando ouço o som dos sapatos dos meus pais dançando na sala.

Entrar e sentar dentro da lata de tinta.

Guardar uma formiga dentro de um pote de vidro.

Colocar o dedo na boca do sapo.

Saltar correndo numa caixa de papelão.

Assistir a água da chuva encher a panela que ficou lá fora.

Um corpo é um espaço.

E corpo é o que nos dá pensamento[12]

Figura 6: La Famille 2015. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

*Ah, então, e o que é o sol? O que seria o sol?*

Fios de luz que as plantas carregam dentro de si.

Risquinhos que saem do que ilumina.

Uma explosão de calor. Amarelo ouro, feito de melado, bola recheada incandescente.

Passagem, caminho.

O sol é uma travessia. Atravessa paredes, frestas, espaços, entra e faz um arco-íris no roupeiro do quarto.

Consegue sentir, a luz?

As plantas dançam em sua direção.

Um calor que derrete gelo e nuvem.

Uma sombra, os movimentos de cada pessoa na escuridão.

Algo brilhoso demais, que seca as roupas e deixa as pessoas mais alegres.

Quando os pássaros cantam de manhã tudo ao mesmo tempo.

Usar uma coroa e atirar uma arma.

Quando para de chover e a gente pode ir lá fora brincar.

São flores que se escondiam e que agora mostram cores.

Quando ele bate no chão, nascem nuvens.

Se secar na grama quando sair do rio.

Comer um pedaço de bolo de laranja.

Se esconder no escuro do quarto.

Partículas loucas procurando entrar nas frestas da casa.

Sol é Vitamina que nos atravessa.

O sol é tão forte que ele é um mel[13].

Alguém aquece o mundo[14].

Figura 7: Through. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

## Pequenas, mínimas

Observar um bebê é ouvir a chuva que cai devagarinho lá fora...

Linhas deleuzianas antigas afirmam que um bebê é uma vida que busca sua expansão flamejante, matéria que insiste em sua variação ativa e contínua. Alegres trejeitos, sinais de passagens para uma perfeição maior[15].

As pernas de um bebê.

Quando se descobrem voluntárias de ação, incessantemente querem ir, avançar, avançar para encontrar, para encostar, para pegar, saltar, puxar. O movimento de aprender a se mover por mãos e pés no chão, corpo e cabeça curvado é o modo de conhecer, percepção dos bebês. Um modo específico, entre devires múltiplos, de perceber o mundo que é próprio

delas: existências mínimas, coisas escondidas, detalhes, texturas, pequenos animais que se movem, folhas despedaçadas, galhos, frutos podres, comidas caídas no chão, temperatura da terra por onde se arrasta e pisa. Tudo entra na atividade perceptiva das crianças pequenas: elas estão atentas ao tanto de menor, que tudo comunica. Cabeças baixas velozes, que acompanham as mãos que tocam o chão, os pés que impulsionam, caem, faz-chão: todo ele e o que estiver nele, se torna material de sensação tátil, olfativa, gustativa, visual.

Figura 8: Color. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

As mãos agarram, e tocam, e pinçam texturas quase invisíveis, até poderem ir à boca, aos olhos. Ações sem finalidade (DELIGNY, 2018) contaminam o ambiente: tudo é unicamente um modo de conhecer que não tem fim. Desejo fisiológico, com pouca consciência de um "eu", lindamente afirmativo de experimentar o que está ali, ao alcance e em contato com o seu pequeno corpo. Mãos que apertam galhos, folhas, terra. Saltam pelos dedos os cabelos, a espuma, o seio, o leite. Banana, feijão, rabo do gato. E de repente um abrir os braços, num tempo mínimo de agarrar os ombros e esfregar o rosto freneticamente.

Produtoras, assumem a força que as constitui para se engajar no mundo. Fazem mundo porque entram em relação com dimensões do fazer. Estão vivas por isso.

As mãos mexem, as sobrancelhas se expandem, os olhos, surpresos, desejam alcançar os céus, acompanhando uma nuvem de pássaros. Um desajeitado modo de se arrastar no chão, parando, gritando, voltando a engatinhar, parando, olhando, voltando a engatinhar. O chão, as mãos, e as pernas, antes dos pés, como modo de conhecer o mundo (seu microcosmo animal, planta, rastejante, descontrolado).

Pés abertos, espaço entre os dedos que se movimentam no tato da substância nova que se sente. Crianças pequenas instalam aos observadores a sensação de uma ancestralidade, milenar e por vezes esquecida, nos nossos gestos de agachar-se, andar a pé, por os pés e mãos no chão, brincar na consistência do barro molhado, lamber os dedos das mãos, usar dos dentes para sentir o mundo.

Todo um diálogo corporal com o chão, explorando e interagindo com o ambiente[16].

Emissão de ruídos, os sons, grunhidos um bebê: um jeito compartilhado de se construir uma linguagem que faz casa por linhas que se instalam no meio: entre humano e não-humano.

*AAAAAAA DEEEEEEE MÃÃÃÃÃÃ*.

Vocalização trêmula com os vivos que os circundam, descobrindo o som que seu corpo é capaz de emitir.

“E se eu fizer um som, qualquer um, com minha boca?”

Mateus para, me olha e, em seguida me ri, como se fosse o riso, elo, a linguagem capaz de estabelecer uma primeira comunicação entre seres. Então, ri para planta, para um gato, para uma garrafa, para as mãos. Poderia ser o silêncio, poderiam ser somente alguns gestos rotineiros, algo de não-verbal, vínculo animal entre nós. Se viver fosse um não-falar, outros sons emitiríamos e gestos ainda não pensados se inventariam.

Estar perto de uma criança pequena é encarar o espanto da vontade de viver.

Bater palmas. Para acordar o que nos adormece e anestesia.

Fazer o tempo cozinhar na espera e na presença.

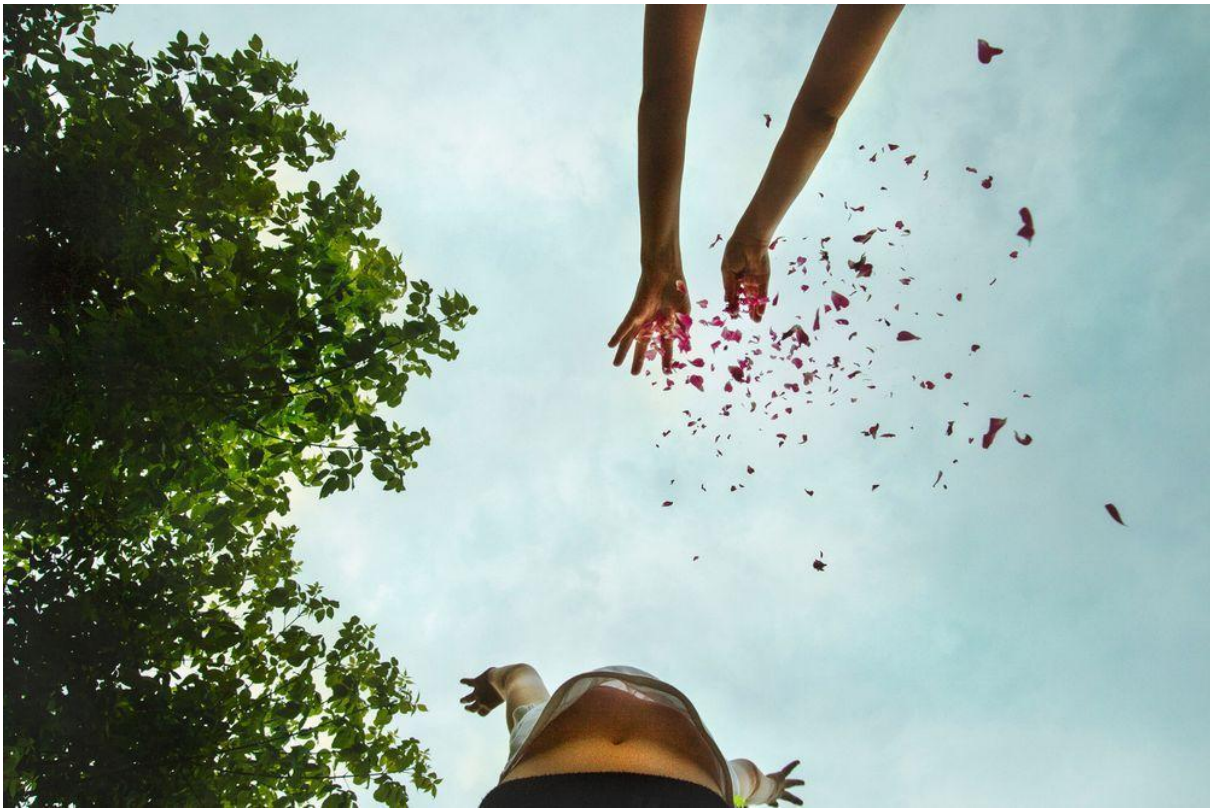

Figura 9: Color. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

## ALGUMA COISA NOVA GANHA EXISTÊNCIA...

Gostar de ser invisível ao observar os rastros deixados pelas crianças, seus verbos, ações, movimentos no mundo.

Tinta água. Areia afeto. Terra folhas. Bichos pular. Gota salto. Gestos som. Seguir nuvem Chão janela. Material involuntário. Flores roupa. Escuro raspagem. Esconder medo. Sombra vulnerável. Secar assistir. Vidro. Suga. Máquina atravessa. Mãos esmagar. Limites universos. Superfície habita. Linha mexendo. Átomos doces. Esconder cadências. Qualidades sim. Sol pés. Coroa passagem. Mergulho. Boca.

Retirar pontos, colocar pontos. Podemos brincar infinitamente nessa multiciplicidade de universos que nascem, num desequlíbrio criador, com as composições de palavras juntadas e separadas, numa evocação aleatória das mesmas, oriundas de texto escrito a partir do encontro com o existir das crianças. Apenas pelo direito de degustar sons e significados das palavras, explorá-las, inventá-las. É como misturar seres humanos, não-humanos, imóveis,

velozes, visíveis e invisíveis. Nada para ser reencontrado, mas feito, construído, lapidado, perdendo a seriedade que temos com coisas e palavras.

Sim. Habitar modos de existências das crianças tem sido como se permitir um ativar a alegria de sentar em areia fofa e pairar ali. Alegria de conquistar um reencantamento pelo desconhecido. Alegria: conquistar a força de ser e de sentir[17].

Abertura. Produzir uma brecha perceptiva, "uma tensão direcionada para outros reinos, uma osmose com eles: animal, planta, mineral, o angélico, o divino, o demoníaco" (SCHÉRER, 2009, p. 162). Estar mais disponível e maleável. Reanimar a superabundância proibida pela norma adulta e viril. Apreender num mergulho movediço do mundo, na malha compimida que nos embala. Uma criança encadeia convites milenares, de um devir-criança em nós, do corpo, do pensamento: a experiência, sempre nova, de um encontro intensivo[18].

Me encontrar com crianças, aproximar-me delas, testemunhá-las, aumentando a lente apagada da atenção às coisas, para fazer nascer algo que não se sabe ainda o que é. Poderia destrinchar novamente muitas linhas sobre para que lugares elas me fazem olhar, o que comunicam, o que emitem. Uma poesia da visão e do verbo: uma arte, a inocência do devir, peculiaridade do devir-criança (LINS, 2009).

Prestar atenção nos agenciamentos vivos das crianças tem gerado a atentividade para toda uma ecologia infinita de seres e materiais presentes no mundo: talvez aí resida uma base ético-política "[...] para elaborar melhores possibilidades de vida compartilhada" (DOOREN et al, 2016, p. 52). Luminosidade de descobrir, experimentando, o problema da ativação de um "[...] sentimento de admiração oriundo de se montar na crista do contínuo nascimento do mundo" (INGOLD, 2015, p. 125). Sentimento como capacidade de produzir estes afetos comunicados na co-presença e co-habitação com mundos-crianças. É puro movimento.

Experimentar com as crianças sem ser uma criança. Gozar de suas loucuras, fazendo nascer os ambientes, os seres, os materiais, os conjuntos de relações. Estar junto do mundo que nasce e nos faz nascer, um esforço para nos unirmos aos fluxos das coisas para também entrarmos em fluxo, um pouco como fazem as crianças. Elas, que não têm o monopólio de diferir em si mesmas, atiçam a necessidade de arregimentar meu corpo e pensamento para obter o análogo de seus movimentos, por outros meios. É uma experimentação sem fim, assim como faz e afirma Deleuze, em seus movimentos no mesmo lugar, construindo relações transversais produzidas através do pensar-escrever, dos efeitos produzidos por outros meios (DELEUZE, 2013).

Compor moléculas de apreensão pática para com uma criança, para entrar em seus pontos de vistas, por meses a fio, soou sempre como um generoso convite à violência de seus "inúmeros devires: animal, vegetal, humano, cósmico (...)", exultando [...] em um gozo que excita o sol e acorda o rebanho de sua letargia e fascinação niilista da morte" (LINS, 2009, p. 13). Um banho gelado no mundo sensível: solicitação para compor com as moléculas do mundo, da água, da terra, dos galhos e ventos, em assumir o gosto do abuso do som e da forma das palavras, das contemplações do nada, de nossas funções experimentais com a vida cotidiana, dos ofícios e fazeres de todos os tipos. Comunicação sem sujeito, violenta e caótica, um cultivo do "dissenso e da produção singular da existência" (GUATTARI, 1990, p. 33).

Gostar de viver o que se aprende, na montagem de paisagens de devires-criança. Esses escritos, que circulam e se reciclam, investem numa aposta persistente em colocar imagens, autores, sons, crianças, a se encontrarem e conversarem. Desse encontro é que se sente que comunicar não diz respeito mais a transmitir algo - em lógicas explicativas e ilustrativas - e tampouco ter de dizer algo. Mas um comunicar que instaura e também sente as forças comunicativas de naturezas diversas[19], fazendo brotar a dignidade de que coisas e seres possam se comunicar conosco, produzindo vacúolos de silêncio e escuta, deixando-se inventar novas palavras, variações infinitas de sentir e pensar, de novas escritas, novos desejos de presente e futuro, os quais nos ponham a fabricar (e aceitar) impensáveis dimensões do viver

Um cenário de vínculos, uma conexão visível-invisível.

Uma persistência alegre que cantarola baixinho pelos recônditos da casa.

Saltar com força e celebrar a alegria que escapa às opiniões, julgamentos e moralizações.

Ser, ingenuamente, digno da vida que se apresenta.

Sigo buscando a cor e o cheiro de estabelecer laços com o que ainda resta. Restos quebrados: conchas recolhidas na praia e jogadas para um sem fim de lugares.

Busco uma criança que resta em nós e fora de nós, em força, dança, leveza. Busco rir descontroladamente, encontrando passarinhos na voz. Escorregar nas ruas com a água da chuva, deslizando por entre caracóis e ramos molhados. Encontrar nas nuvens lembranças leves, não as que atormentam a espinha dorsal do corpo, mas as que me façam mexer os dedos dos pés em dias de vento norte.

Busco descontrolar algumas medidas exatas de minhas ações, manchar as palavras duras, ouvi-las com os pés, como quem descobre uma paleta de tonalidades vibrantes de vozes do mundo.

Aprender. Observando a infinidade de gestos, expressões, movimentos, sons, fluidos, pontos de vista das crianças, quando elas podem deslizar em *serem*, quando o cosmos as convida a simplesmente existirem com ele.

Busco não fechar o convite que uma criança faz, ao segurar minha mão e pendurar seus olhos em particularidades mínimas. Contemplá-las e torná-las proféticas, gurus, visionárias de mundos por vir.

Busco não estar aqui para cavar buracos suicidas em seus trajetos mentais e corporais.

Busco ouvir o que ouço, dizer o que não digo, pausar no movimento, imaginar o que não alcanço, criar no que se está, agora... Aqui.

Quero esquecer. Busco esquecer. Alguma coisa pesada de meu corpo, para aprender a compor um espaço de educadora que seja ação e verbo com as coisas todas do mundo. Pôr, sem urgência, brinquedos e palavras num lugar comum, de exploração, maquinação. Para quê? Vazia inutilidade. Para nada. E calar. Se quiser.

Busco não cansar dessa motivação.

Busco coragem para que que não arranquem a velocidade do espírito que habita o corpo que corre do banho, do almoço, do tema de casa, do diagnóstico, da dor, da miséria, para sair dançando devagarinho, desobedientemente puxando um galho de árvore achado no chão da rua sem saída.

Busco um sem saída que seja um lugar de morada em meio ao caos: lugar algum que nos dê mobilidade.

Apostar, e seguir!

Figura 10: La Famille. Fonte: Alain Laboile - Site do artista.

**Referências**

COCCIA, E. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Tradução: Fernando Scheibe. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de: Peter Pál Perbalt. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. 1a ed. São Paulo: Editora 34, 1997, 176p.

DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. 2 ed. Tradução: Lara Cristina de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DIAS, S. O. Como celebrar com as ciências encontros cósmicos? In: BRITO, Maria dos Remédios; SANTOS, Helane Súzia Silva (Orgs). **Variações Deleuzianas**: educação, ciência, arte e.... São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. p. 133-147.

DOOREN, T. v.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. **ClimaCom** [online], Campinas, v. 3, n. 7, p. 39–66, 2016.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação (Porto Alegre)**, v. 39, n. 3, p. 404-411, set./ dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.14318/hau4.1.021>.

LINS, D. Heráclito ou a invenção do devir. In: **O devir-criança do pensamento**. LINS, Daniel (coord). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 1-18.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

NARBY, J. **A serpente cósmica**: o DNA e as origens do saber. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

SCHÉRER, R. **Infantis:** Charles Fourier e a infância para além das crianças. Tradução de: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STENGERS, I. **Reativar o animismo**. Tradução de: Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017a, p. 8. (Caderno de Leituras n. 62).

ORLANDI, L. O pensamento e seu devir criança. In: **O devir-criança do pensamento**. LINS, Daniel (Coord). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 67-77.

PELBART, P. P. Um direito ao silêncio. **Cadernos de subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, mar./ago. 1993, p. 41-48.

*Recebido em: 30/06/2020*

*Aceito em: 30/07/2020*

---

[1] Professora Adjunta do Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (MEN/UFSM). Doutorado e Mestrado em Educação (PPGE/UFSM). Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas (UFSM). E-mail: alicedalmaso@gmail.com

[2] Estes escritos são compostos pelos atravessamentos da pesquisa de pós-doutorado intitulada *Experimentar (com) um modo de existir-criança: composições para pensar ciências, artes, divulgações, educações*, desenvolvida no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, na UNICAMP-SP, sob a supervisão da pesquisadora Susana Oliveira Dias (UNICAMP). Aulas, encontros, conversas, materiais, dos quais tive contato durante o pós-doutorado, misturam-se às pesquisas e olhares generosos de Susana (e de seu Grupo de pesquisas multiTÃO), a qual lida com perspectivas que procuram operar com toda ordem de seres e coisas - assim como as crianças - como parceiras e parceiros de pensamento, abrindo visões de mundo, brechas para pensar a comunicação e a divulgação, as ciências, as artes e filosofias.

[3] Há alguns anos o conceito de devir-criança, enunciado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), oferecem a cintilância dos trajetos, das forças, das singularidades, agenciamentos, dos corpos, dos afetos que envolvem o ser em devir de uma criança. O conceito deve dizer o acontecimento, não a essência, afirmam os autores. Por isso, uma criança aqui se apresenta

enquanto individuações, acontecimentos sem sujeito, e não sob o caráter de pessoalização, essência, forma. O devir-criança, assim, se impõe por sua força, ao instaurar um acontecimento em nós e fora de nós (um modo de ser, um devir tornado visível, passagem alegre, vento desmedido, um som inaudito, corpo descodificado, fluxos e contrafluxos desconhecidos que põem a vida em movimento).

[4] Portfólio e Biografia do artista: <http://www.laboile.com>.

[5] Nessas construções, ainda que muitas crianças tenham movimentado – e inventado - essa pesquisa e escrita, não contemplei as forças anestesiadas de crianças medicalizadas, tampouco as que sobrevivem em cenários de miséria material e afetiva, vulneráveis a toda dor e violência a que estão submetidas, em função da negligência de seus contextos políticos, econômicos, de gênero, racial. Estou atenta a isso. As forças de devir-criança dessas crianças estão aqui como um grito ininterrupto e inaudito, me ajudando a encontrar o que resta em si mesmas, e em nós, enquanto força ativa de vida e criação.

[6] [...] Num juntar atento aos modos como as relações entre-imagens, entre-sons, entre-sons-imagens, entre-palavras-sons-imagens, entre-linguagens podem escapar aos funcionamentos ilustrativos e metafóricos [...] (DIAS, 2017, p. 139).

[7] Fala de Ailton Krenak que pode ser encontrada no sítio: <https://www.youtube.com/watch?v=k5SP0GHjWfw&t=201s>.

[8] "Assim, se o estar-no-mundo é imersão, pensar e agir, trabalhar e respirar, se mexer, criar, sentir serão inseparáveis, pois um ser imerso tem uma relação com o mundo não calcada na que um sujeito mantém com um objeto, mas na que uma água-viva mantém com o mar que lhe permite ser o que ela é. Não há nenhuma distinção material entre nós e o resto do mundo" (COCCIA, 2018, p. 36).

[9] Conversas sobre corpo com Antônio, 7 anos.

[10] "A questão é primeiro a do corpo - o corpo que nos roubam para fabricar organismos oponíveis. Ora, é à menina, primeiro, que se rouba esse corpo: pare de se comportar assim, você não é mais uma menininha, você não é um moleque, etc. É à menina, primeiro, que se rouba seu devir para impor-lhe uma história, ou uma pré-história. A vez do menino vem em seguida, mas é lhe mostrando o exemplo da menina, indicando-lhe a menina como objeto de seu desejo, que fabricamos para ele, por sua vez, um organismo oposto, uma história dominante. a menina é a primeira vítima, mas ela deve servir de exemplo e de cilada" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 69).

[11] "Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela pára, ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 116).

[12] Blanca Loaiza, 11 anos. No livro Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Seleção de Javier Naranjo; desenho e ilustração: Lara Sabatier; tradução: Carla Branco. 1ed. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

[13] Antônio, 5 anos.

[14] Juan Pablo Osorio, 7 anos. Livro Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças/ seleção de Javier Naranjo; desenho e ilustração: Lara Sabatier; tradução: Carla Branco. 1 ed. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

[15] "Do ponto de vista do processo de individuação, o importante é a atenção às mínimas posturas, ao que ocorre na variação contínua dessas pequenas vidas imersas no vasto campo problemático de sua metaestabilidade, como diria Simondon. Essa atenção é forçada a equilibrar-se entre, de um lado, o que ela recolhe no imediato do seu acompanhamento de um caso, e, por outro lado, um abrangente critério de felicidade" (ORLANDI, 2009, p. 70).

[16] “No entanto, para aqueles de nós educados para sentarem-se em cadeiras, ter que se agachar por qualquer período de tempo é intensamente desconfortável. Parece que a cadeira bloqueou o desenvolvimento da capacidade normal do ser humano se agachar, assim como a bota bloqueou o desenvolvimento das funções preênseis do pé. Somente com muita prática e treino estes bloqueios podem ser superados” (INGOLD, 2015, p. 79).

[17] Catalina Sanín, 9 anos. Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças/ seleção de Javier Naranjo; desenho e ilustração: Lara Sabatier; tradução: Carla Branco. 1 ed. Rio de Janeiro: Foz, 2013

[18] "Essa experiência é marcada por uma involução à nossa essência singular, isto é, ao grau de potência que nos caracteriza. A criança torna visível o caminho dessa involução ao estado intensivo em que a própria vida se deixa tomar por entretempos, por vibrações que suspendem nosso mero encadeamento extensivo, espacial e cronológico nos estados de coisas. Trata-se, como dissemos, da experiência de uma involução criadora, entendendo criação como atividade intensiva da vida. É nessa experiência que o próprio pensar (seja na filosofia, na arte ou na ciência) encontra a indicação do 'funcionamento vital e corporal do pensamento'" (ORLANDI, 2009, p. 73).

[19] “[...] seis níveis de comunicação se distinguem: vegetativo (a cor da flor, a textura da pele), tônico (o cheiro da flor, o calor do corpo), fásico (o camaleão muda a cor da pele, o cão ergue as orelhas), sinalético (o cão rosna), simbólico (os macacos são capazes de se comunicar com sinais abstratos) e linguístico (‘O único exemplar atualmente conhecido é a linguagem articulada do homem’[...]” (NARBY, 2018, p. 175).